

A «estética do limite» em Eugenio Trías

Resumo:

A reflexão estética do pensador catalão Eugenio Trías fundamenta-se no princípio de que a filosofia é um ato de criação (*poesis*) que usa a expressão escrita na procura de conhecimento. O filósofo é concebido como um compositor e um intérprete dos símbolos do seu tempo, na procura da máxima lucidez e autoesclarecimento crítico, servindo-se, para tal, de um determinado estilo, de uma certa imagética e de um determinado ritmo ou musicalidade.

A razão que está subjacente a este labor conceptual, na procura de sentido para as aporias cosmológicas, antropológicas, ontológicas e teológicas, reconhece-se como limite e fronteira. De modo distinto da ciência, esta gestação conceptual, por meio da criação literária, desenvolve-se no limite do encontro com o mistério e na fronteira daquilo que pode ser expresso e dito.

No confronto com a experiência da vida, a filosofia possui um duplo ritmo de contração e expansão, entre a unidade da sua ideia primigénia do ser mesmo e a recriação e variação na dispersão de âmbitos diversos. Estes, são traduzidos pelo autor de quatro grandes bairros, distintos e entrecruzados, com as seguintes características: 1) bairro ontológico-epistemológico (razão fronteira); 2) bairro ético-prático; 3) bairro simbólico-religioso; 4) bairro simbólico-artístico. Cada um possui uma autonomia relativa, sem subordinação hierárquica, que apresenta um conjunto de determinações pelas quais a razão acede à realidade.

Sem esta unidade diferenciada e a correspondente permeabilidade épica e lírica, o conceito filosófico perderia densidade e o dinamismo da máxima expansão, reduzindo-se a uma abstração, separada das fontes vitais da experiência e incapaz de despertar emoções. Para Eugenio Trías as melhores propostas filosóficas são aquelas que, no labor da procura da verdade, produzem uma profunda emoção estética, no reconhecimento de que a inteligência não é apenas uma faculdade de domínio, mas também uma demanda épica de desafio em torno do mistério do ser que nos envolve.

A realidade, concebida metaforicamente na região fronteira do limite, participa ao mesmo tempo do racional e do irracional, não se esgotando no projeto racionalista encerrado na imanência do logos, nem no projeto irracional que procura dispersar definitivamente o legado iluminista. Através desta ontologia do limite e da metáfora do

horizonte, procura-se uma nova inteligibilidade que não se reduza à conceptualização abstrata e estéril, à intuição ontologista, ou à crença dogmática, mas que inclua a criatividade do discurso metafórico transconceptual e o alcance infinito do dinamismo analógico do real.

Palavras chave: Estética, razão fronteiriça, poesia, limite

Bibliografia:

Fontes:

Trías, Eugenio, *Creaciones Filosóficas I e II*, Barcelona, Círculo de Lectores S.A., 2009.

Estudos:

Godínez, Héctor Sevilla, «Fronteras, lógica, cercos y arte. Hacia una ética-estética del límite y la tragedia en Trías y Lukács», in *Estudio*, n.º 19 (julio-diciembre 2014), pp. 103-115;

Martínez-Pulet, José Manuel, *Variaciones del limite*, Madrid, Editoril Noesis, 2003.

Oliveres, Antoni Comín, *La unidad perdida del ser y el pensar: sobre la razón fronteriza de Eugenio Trías*, Barcelona, Cristianisme i justícia, 2000;

Vilar, Gerard, «La aporía estética: arte, límite y verdad en E. Trías», in *Estudios Filosóficos*, Vol. 64, n.º 185 (2015), pp. 7-22.